

# **O ESPAÇO DA UNIVERSIDADE: Uma Porta Aberta às Manifestações Lúdicas**

***Deborah Thomé Sayão\****

## **RESUMO**

Partindo de um Projeto de Extensão denominado “Atividades Corporais na Universidade”, nos anos de 1991 a 1995, o Centro Esportivo da Universidade do Rio Grande passou a oferecer inúmeras possibilidades de atividades corporais aos membros de sua comunidade universitária. Este relato tem a intenção de descrever uma experiência que fez emergir o fenômeno lúdico no interior dos muros desta instituição a partir da ginástica que, compreendida como uma manifestação históricocultural, acabou traduzindo-se em possibilidade de criatividade, espontaneidade e ludicidade.

## **ABSTRACT**

Resulting from an Extension Project called “Body Activities at the University”, from 1991 to 1995, the Rio Grande University Sport Center started to offer the members of the university community several possibilities of body activies. This report intends to describe an experiment that caused the intramural playful phenomenon to emerge in this institution, starting with gymnastics which, taken as a cultural-historical manifestation, turned out to be the possibility of creativeness, spontaneity and playfulness.

---

\* Professora do Departamento de Educação da Universidade do Rio Grande Mestranda em Educação - UFSC



presente relato tem a intenção de descrever uma experiência que fez emergir o fenômeno lúdico no interior dos muros da instituição universitária.

Enquanto forma, esta instituição apresenta-se hoje muito semelhante às primeiras universidades que se consolidam e se difundem no início do século XIII a partir de algumas ordens religiosas.

Primeiramente enquanto espaço de reprodução de saberes ligados à literatura, à gramática, às artes e a religião e, posteriormente, assumindo o papel de produtora de saberes nos diferentes campos do conhecimento que vão arranjando-se e rearranjando-se com o avanço do capitalismo, a universidade vem, então, constituindo-se há vários séculos como o espaço privilegiado das "mentes que brilham".

No caso brasileiro, instalada na primeira metade do séc. XIX para agregar uma pequena elite privilegiada, a universidade configura-se, sobretudo, como o local de excelência, não tanto por desenvolver a propalada "pesquisa de ponta" ou o ensino de qualidade ou ainda a extensão comprometida com os interesses sociais mais amplos, mas o local de excelência pela privação do acesso a que a maioria da população está determinada por sua condição de classe.

Neste caso, se fosse possível eleger o local onde a dicotomia corporeamente se traduz em concreto, este local

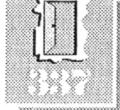
seria sem dúvida, a Universidade, talvez como sinônimo de contemplação cristã. Mesmo porque, em seu interior, há sempre o local da fé - a capelinha que, agregando ou não as "imagens" configura-se como espaço de meditação de um mundo irreal sem fome, miséria, desemprego... Os valores, normas, hierarquias e dogmas religiosos parecem estar sempre de mãos dadas com os valores, normas, hierarquias e dogmas universitários.

Neste sentido, alguns valores do humano como o lúdico que se manifesta através do jogo, da brincadeira, da linguagem gestual, da expressividade, da musicalidade, do ritmo... Isto só tem espaço na universidade para ser apreciado, contemplado, nunca vivenciado.

Os doutos, os cidadãos de notório saber, precisam ser cidadãos sem corpo, sem sangue, sem gestos, sem expressão. Seus corpos, são contidos para que o cérebro seja idolatrado, louvado, admirado. Para fazerem juz aos seus títulos, os "acadêmicos" precisam desmaterializar. Seu espírito, abrigo de seu saber é tudo que podem possuir.

Assim, na Universidade não vivenciamos a música, apreciamos o erudito. Não dançamos, nos sensibilizamos com a técnica. Não nos expressamos por gestos sensíveis, escrevemos sobre estes para revistas internacionais. Não nos movimentamos, simplesmente... pensamos sobre o movimento e teorizamos...

Apesar do exposto, nos anos de 1992 e 1993, a Universidade do Rio Grande, através do "Projeto Atividades Corporais na Universidade" ofereceu inúmeras modalidades de atividades aos



Dezembro, 1996

membros de sua comunidade universitária. Comunidade esta compreendida enquanto professores e professoras, alunos e alunas, funcionários e funcionárias e todas as demais pessoas que, mesmo sem vínculo com a instituição, por alguma razão dela se aproximava.

Dentre estas possibilidades de movimento oportunizadas à comunidade universitária, uma em especial nos leva a reflexão porque foi vivenciada com muita paixão: a Ginástica. Neste momento, talvez muitos desistirão do texto... Por que alguém com tantas críticas ao padrão de comportamento universitário iria relatar uma experiência com Ginástica?

Isto porque foi a ginástica enquanto modalidade inicialmente solicitada pela “comunidade” que instigou-nos um cem número de possibilidades de vivência do lúdico tornando-se, por este motivo, extremamente difícil descrevê-las. Os argumentos para a solicitação por parte dos interessados em fazer ginástica era “perder a barriginha”, “emagrecer para o verão”, “melhorar a musculatura”, “descansar a cabeça”, “relaxar”, “liberar as energias”... Muitas eram as justificativas dos sujeitos ao solicitarem esta atividade que era oferecida três vezes por semana ao final do expediente edministrativo.

No entanto, não nos propúnhamos, naquele momento, a estabelecer relações entre os interesses dos envolvidos e o caráter que regia a atividade. Não tinha importância se aquela prática era funcionalista ou compensatória, se era crítica ou utilitarista...se era lazer ou não-trabalho...

Nosso compromisso maior era com a experiência do fenômeno lúdico com trabalhadores universitários, doutores, mestres, professores, graduandos, licenciandos, bacharéis, servidores da manutenção, do procesamento de dados, do sindicato, enfim, indistintamente sujeitos que simplesmente optaram pelo **Movimento no fim da tarde**.

Pretendíamos, contudo, ultrapassar o caráter tradicional da ginástica difundida hegemonicamente por intermédio dos exercícios estereotipados, simétricos, imitados por um único comando padrão e incluímos a brincadeira; o jogo; a dança; as caminhadas pelo campus; as corridas pelas dunas; os jogos de raquete que não eram nem tênis, nem paddle, nem squash; os jogos com bola que não eram basquete, nem futebol, nem handebol; os jogos com rede que não era o vôlei; os movimentos com música que não eram anaeróbicos sequer aeróbicos. Mas o que deles se resgatou foi a infinita capacidade humana de criar e recriar ritmos e movimentos. Nos jogos, o mais importante era criar situações agonísticas. O resultado não era importante.

Com esta intenção, o grupo foi se constituindo composto por sujeitos que chegavam com os mais diferentes interesses mas que acabavam sendo tomados pelo “espírito de jogo” que os membros incorporavam pouco a pouco. Nossos objetivos foram se concretizando na prática sem muitos discursos, mas na vivência dos gestos, na interação dos movimentos e na empatia que, magicamente, muitas vezes, circundou nosso espaço.



Era preciso vencer a barreira do padrão de comportamento determinando aos universitários e colocar o lúdico em voga. Foi assim, que erramos muitas vezes, acertamos outras tantas e tentamos construir coletivamente com aqueles que queriam “perder a barriguinha” a oportunidade de fazê-lo não malhando individualmente, mas brincando em grupo, rolando pelo campo, caindo, levantando, sendo puxado pelo companheiro, jogando o disco ou o bumerangue **como crianças**.

Assim, construímos um elenco de jogos que não configuraram em nenhum manual, reelaboramo-os e aperfeiçoamos seus detalhes. Para cada infração às regras estabelecidas em grupo não precisava o aviso do juiz, era preciso deixar falar a voz da consciência. Nesta situação, muitos doutores perceberam o movimento do jogo com os servidores e alguns mestres fizeram bonitos gols com a colaboração de seus orientandos.

Enfim, as possibilidades de movimento que criamos neste grupo superou a hierarquia preponderante no interior dos muros universitários e determinou relações mais iguais, menos autoritárias. Isto talvez porque em nenhum momento deixamos de acreditar na infinita capacidade de criar gestos, ritmos e movimentos de homens e mulheres conseguindo vencer as dicotomias tão enraizadas em nossa experiência ocidental.

Certamente, os mais críticos rapidamente irão incluir esta experiência em alguma tendência da educação física quem sabe acrítica, quem sabe de cunho

espontaneísta, quem sabe a-histórica porque não possibilitou o acesso ao conhecimento historicamente produzido e culturalmente determinado. Nesta hora, este enquadramento não é para nós o mais importante, porque não reconhecemos esta experiência enquanto um fim, mas o que resgatamos dela foi seu processo de construção que é histórico sim, que possibilitou a crítica também e que, possibilitando a vivência de movimentos e a criação de jogos e brincadeiras, permitiu a vivência do corpo enquanto construção histórica e cultural negada à maioria de nós trabalhadores.

Para finalizar, enquanto experiência que permanece no imaginário de todos nós que a vivenciamos, não é possível simplesmente atribuir-lhe um caráter romântico resumindo-a como uma “volta à infância”, pois o significado maior desta experiência foi o que ela representou em termos de ruptura aos padrões pré-estabelecidos pelos “dogmas universitários” que determinam comportamentos, modos de expressão, linguagens, gestos...

A construção de relações mais democráticas entre os diferentes estratos da corporação universitária podem ser um caminho que precisa ser aberto na luta contra a desigualdade e a dominação dentro e fora do espaço acadêmico na direção da utopia de uma sociedade onde prevaleça a justiça e a liberdade de todos, indistintamente. Quem sabe a vivência do fenômeno lúdico possa ser um dos meios...